

A BOLA
13-3-1978

SINTRENSE, 1 — BEIRA-MAR, 2

AVEIRO: AINDA OU JÁ NA PRIMEIRA DIVISÃO?

Jogo no campo do Sintrense.
Muito público. Tarde ventosa, fria, desagradável. Piso seco e poeirento.
Árbitro: Albino Rodrigues, do Funchal, auxiliado por Elvino Faria e Gregório Fernandes.

SINTRENSE — José Carlos; Pedroso, Vítor Marques «cap.», Luz e Salvador; Alcino, Parente e Anselmo; Nando, Marquitos e Juca. No começo da segunda parte, Parente foi substituído por Gaspar, que, vinte minutos mais tarde, cedeu o lugar a Sérgio. Suplentes não utilizados: Água-Mel e Júlio.

Treinador: João Flores.

BEIRA - MAR — Jesus; Manecas «cap.», Quaresma, Sabu e Poeira; Nelson Reis, Quim e Jorge; Sousa, Germano e Abel. Após o intervalo, Sobral substituiu Jorge.

Suplentes não utilizados: Rola Marques, Cambraia e Cremildo.

Treinador: Fernando Cabrita.

Ao intervalo, 0-0.

Primeiro golo, aos 13 minutos da segunda parte. Na sequência de um lançamento de bola lateral, executado por Nelson Reis, surgiu em corrida GERMANO a receber o esférico e, na passada, em plena grande área, mas de ângulo difícil, rematou. O guarda-redes sintrense, distraído ou mal colocado, viu passar-lhe o esférico rente aos dedos.

Cinco minutos mais tarde, 2-0. Jogada pelo flanco direito do ataque aveirense, de onde Germano centrou, ligeiramente atrasado, para QUIM, que, em corrida, desferiu o remate vitorioso, com o pé esquerdo. De novo nos pareceu que João Carlos «não estava lá».

A 8 minutos do fim, 1-2. NANDO recebeu a bola do lado direito e, rapidamente, quase sem preparação, rematou, enfiado, para as malhas.

Resultado final, 1-2.

A diferença de ritmos, de processos e, sobretudo, de qualidade, entre o futebol que se joga na I e na II Divisões não é, evidentemente, uma «figura de retórica» sem correspondência com as realidades. Ela existe de facto e não pode deixar de ferir a atenção e a sensibilidade de quem, levando o ano inteiro a assistir a encontros do es-

CRÓNICA DE

ALFREDO FARINHA

ma ideia: cada equipa jogou «à sua maneira». Jogou o Beira-Mar um futebol bem tecido e bem apoiado, com predomínio da técnica sobre o esforço, do lance planificado sobre a jogada de inspiração, da experiência sobre o instinto, do colectivo sobre o individual. Jogou o Sintrense, pelo contrário, mais à feição daquilo que lhe pedia o coração e lhe consentiam os músculos dos seus jogadores, ora em despachos longos e intervenções vigorosas dos seus defesas, ora em generosas explosões de velocidade e de crença interior dos médios e avançados, quando se lhes proporcionavam oportunidades de contra-ataque.

Dessas diferenças fundamentais, resultaram duas coisas em desfavor dos visitados: a primeira foi que só muito raramente lograram aparecer organizados e apoiados nas proximidades da defesa aveirense, o que, como é bom de ver, facilitou imenso o trabalho desta; a segunda consistiu em ter-lhes exigido um tal desgaste de energias, que, logo após o intervalo, se tornou evidente já não disporem eles das necessárias e suficientes para continuarem a opor-se, através delas, à superior capacidade técnica (e, a partir de então, também atlética), dos adversários. Inversamente, o Beira-Mar, mercê da sua organização, do seu futebol apoiado, das suas progressões «em harmonio», mais lentas e menos espectaculares, mas bastante mais esclarecidas e caudalosas, sempre que aparecia na zona de remate, podia dispor de vários jogadores para a tentativa final de remate ao golo. Por isso, as oportunidades de tento foram, para os visitantes, notoriamente mais numerosas e flagrantes do que aquelas que se desperaram aos visitados.

E foi tudo isso que esteve na base da justa, embora difícil, vitória do Beira-Mar, uma vitória que coloca a bela equipa de Fernando Cabrita ainda mais perto do lugar que perdeu e que, pelo visto e observado ontem, bem merece recuperar.

feriores às do Beira-Mar. Como já referimos, tentou alcançar os seus objectivos servindo-se mais da força do que jeito, actuando mais em velocidade do que em harmonia. Julgamos que foi uma equipa realista e humilde. Na verdade, só por essas vias conseguiria, eventualmente, contrariar e anular a superioridade natural dos visitantes.

A defesa pareceu-nos ser o seu melhor sector, com evidência especial para os dois centrais, Vítor Marques e Luz. O meio-campo não teve, nitidamente, estatura para poder ombrear com os centro-campistas de Aveiro. Se tivessem sido convenientemente apoiados, Nando e Juca poderiam ter causado mais problemas à defesa do Beira-Mar. Pareceram-nos ambos, com efeito, jogadores de muito apreciáveis recursos.

Impecável

Impecável a actuação da equipa de arbitragem. Se a Madeira tiver por aí mais árbitros desta categoria, pode ir mandando alguns para o continente. Farão por cá muito bom jeito.

calão superior, experimenta, pela primeira vez na época, a sensação de presenciar uma partida entre grupos do segundo, disputada, além disso, em terreno arenoso e em tarde ventosa.

Nada de exageros, porém. O futebol que vimos praticar, ontem, no campo do Sintrense, não esteve assim tão distante daquele que observamos todos os domingos, nos estádios relvados onde actuam os «grandes» do futebol nacional, que justifique ou autorize afirmações menos abonatórias a seu respeito.

Na verdade, o jogo não poderia ser apontado como um modelo de técnica, não seria recomendável para uma antologia da arte de jogar futebol, mas esteve longe, muito longe, de defraudar a expectativa do crítico, que não se coíbe, até, de confessar ter dado por bem empregar o seu tempo. Iremos, até, um pouco mais longe, afirmando que temos assistido, no Campeonato Nacional da I Divisão, a partidas bem menos interessantes e valiosas, tanto sob o ponto de vista competitivo, como em aspectos de ordem puramente técnico-táctica. E, se aquilo que vimos ontem em Sintra corresponde, em termos médios ou aproximados, ao tipo e a qualidade de futebol que se joga, hoje, na II Divisão, será forçoso e agradável reconhecer que sobre o enorme e antigo fosso que separava as equipas dos dois escalões já começam a estabelecer-se muitas pontes de contacto e de aproximação. De resto, algumas eliminatórias da «Taça de Portugal» provaram, com inquestionável força de argumentação, essa saudável tendência para um relativo nivelamento de capacidades.

O próprio encontro entre o Sintrense e o Beira-Mar poderia servir, aliás, de testemunho e de exemplo para aquilo que afirmamos.

Cada equipa «à sua maneira»

Bem poderia dizer-se que, neste jogo, se defrontaram equipas de duas «divisões» diferentes — diferentes em tudo, desde o grau de profissionalismo em que elas vivem e se apoiam, até aos processos de jogo em que se movimentam e aos estilos de futebol em que se realizam. Tão diferentes que, dez ou quinze minutos após o início da partida, já era possível a qualquer observador, mais atento ou mais experimentado, dizer a respeito de uma «esta é uma equipa da I Divisão» e, da outra, «aquela pertence à segunda», sem que, todavia, do confronto, resultasse algo de humilhante para a mais fraca.

Equivale isto por dizer que, na prática das coisas, o Sintrense e o Beira-Mar, não obstante ser evidente o desequilíbrio das capacidades potenciais que os caracterizavam e definiam, nunca se afastaram muito um do outro, nem mesmo quando os visitantes, antes de se atingir os primeiros vinte minutos da segunda parte, lograram ganhar um avanço de dois golos. O próprio resultado final, favorável ao Beira-Mar, por margem mínima, reflecte o equilíbrio imposto pela prática do jogo ao desequilíbrio sugerido pela desigualdade dos meios técnicos e dos processos tácticos.

Ainda, por outras palavras, a mes-

Um «senhor meio-campo»

Dissemos uma «bela equipa» e não o fizemos sem motivo ou sem convicção. Na verdade, o conjunto aveirense não vale, hoje, menos do que valia há um ano. Se houver diferença — e julgamos que haverá — será para melhor. Ora a verdade é que, em nossa opinião, na época passada, a equipa do Beira-Mar já possuía valor para se manter entre os «grandes».

Excelente, o quarteto defensivo. Quatro homens que jogam muito bem em antecipação e mais em «souple» do que em força, com realce para Manecas (o mais empreendedor e versátil dos quatro, um lateral a pedir meças a outro qualquer) e Sabu.

No meio-campo, dois jogadores muito activos, muito dinâmicos, muito influentes em toda a estratégia da equipa: Nelson Reis e Quim. Não são homens para grandes floreios e fantasias. Fazem o que têm para fazer com um grande, um insuperável sentido prático. Aparecem em todas as zonas do rectângulo: defendem, organizam, atacam, rematam. Não param um momento e fica-se com a sensação de que são insensíveis à fadiga. Duas exibições estupendas. Jorge, que principiou muito bem e chegou a parecer-nos jogador da estirpe dos seus companheiros de sector, caiu depois e foi substituído por Sobral, que, igualmente, nos deixou impressão muito favorável. Não há dúvida de que o Beira-Mar conta com gente de mérito para o sector do meio-campo.

Abel, que já não víamos, talvez, há uns anos, surpreendeu-nos com a sua velocidade, a sua pujança atlética, o seu poder de penetração e de remate. Não sabemos quantos anos tem, se já dobrou ou não a casa dos trinta, mas podemos afirmar que jogou como nos tempos em que era um «jovem prometedora». Também gostámos de Germano, porventura o mais fino e estilista dos avançados aveirenses. Sousa, um pouco à maneira dos médios, sóbrio mas eficaz, rápido a transportar-se do meio-campo para o ataque e vice-versa.

Quanto ao Sintrense, é, nitidamente, uma equipa de condições técnicas in-